

## Ms. 1 Azul da *Crónica de 1344*: um testemunho entre a épica e o romanceiro<sup>1</sup>

*Isabel Barros Dias*

Universidade Aberta e IELT (NOVA FCSH)

[Isabel.Dias@uab.pt](mailto:Isabel.Dias@uab.pt)

O manuscrito da segunda redação da *Crónica de 1344*, atualmente na posse da Academia das Ciências de Lisboa (ms. 1 Azul) é um códice de grande beleza, com uma escrita cuidada e amplamente iluminado. Lindley Cintra<sup>2</sup> datou este manuscrito como sendo das primeiras décadas do séc. xv e associou-o ao círculo do rei

---

<sup>1</sup> O presente trabalho integra-se no projeto «Castilla y Portugal en la Baja Edad Media: contactos sociales, culturales y espirituales entre dos monarquías rivales (s. XIII-XV)» – referência PID2020-114722GB-I00 – Agencia Estatal de Investigación (AEI), Ministerio de Ciencia e Innovación, del Gobierno de España. Agradeço a Adelaide Miranda a partilha das imagens do ms. 1 Azul, obtidas no quadro do projeto IMAGO (POCTI/EAT/45922/2002), sediado no IEM entre 2005 e 2009, bem como à Academia das Ciências de Lisboa, pela autorização para a respetiva publicação. Um agradecimento especial a Vicens Beltran, a Fredo Arias de la Canal, da editora Frente de Afirmación Hispanista, e a Leonardo Funes por me terem facultado o acesso a obras sem as quais este estudo seria infinitamente mais pobre.

<sup>2</sup> O ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa (daqui em diante, ACL) foi o códice escolhido por Lindley Cintra como texto-base da sua edição da *Crónica de 1344*. O códice é descrito no vol. I (Cintra, 1951: CDXCIII-DI).

D. Duarte, cuja biblioteca terá integrado<sup>3</sup>. Este soberano, aliás, perfila-se como um bastante plausível patrocinador desta obra<sup>4</sup>. No entanto, a falta de documentação que certifique quem realizou a encomenda tem permitido a consideração de outras possibilidades, recentemente apresentadas<sup>5</sup>. A história dos múltiplos possuidores do códice também se encontra estabelecida, graças a Lindley Cintra, que conseguiu traçar a trajetória deste manuscrito a partir da segunda metade do séc. XVI<sup>6</sup>.

Dada a sua qualidade artística, o ms. 1 Azul da ACL tem vindo a ser estudado, sobretudo por historiadores da arte, que desenvolveram pesquisa e publicaram

---

<sup>3</sup> Concordando com a anterior proposta de J. J. Nunes (que notou semelhanças entre este ms. e outros saídos do *scriptorium* de D. Duarte), Lindley Cintra associa o códice à biblioteca de D. Duarte, afirmando: «o facto [...] de, na lista dos *Livros que tinha el rey dom Duarte*, aparecerem duas *Coronicas de Espanha*, uma delas a par de uma *Coronica de Portugal*, a outra, seguida da indicação “em cadernos”. A primeira pode ter sido este manuscrito, do qual se separou, como dissemos, a *Crónica de Portugal*, a segunda, o original “em cadernos” de onde este manuscrito foi copiado. // Estes indícios importantes, se nada nos permitem afirmar com absoluta segurança, permitem-nos contudo supor com grande probabilidade que o códice L foi escrito pelos escrivães da câmara de D. Duarte e decorado pelos seus iluminadores, nas primeiras décadas do séc. xv, e que na biblioteca régia se conservou durante algum tempo» (Cintra, 1951: CDXCVIII). Sobre o inventário dos livros de D. Duarte, ver Nascimento (2012).

<sup>4</sup> O códice foi usado no *Livro dos Conselhos* de D. Duarte (Nascimento, 2019). O interesse de D. Duarte pela História está confirmado, não só por ter encomendado a Fernão Lopes a redação das crónicas do reino, mas também pelos vários livros sobre este domínio que integravam a sua biblioteca pessoal, tal como comentado na nota n.º 3 (além de Cintra, ver também Amado, 1999; Nascimento, 2012; Tibúrcio, 2015: 156).

<sup>5</sup> Rodríguez Porto (2016) sugere a possibilidade de o códice ter sido encomendado pela própria rainha D. Leonor e Pandiello (2016) defende a possibilidade de ter sido o infante D. Pedro quem patrocinou a realização da obra, tendo o códice sido uma oferta do regente à rainha D. Leonor.

<sup>6</sup> De acordo com a documentação consultada por Lindley Cintra, na segunda metade do séc. XVI, o códice estava na posse de Luís de Alcáçova, pressupondo-se que terá sido um presente do rei ao seu pai ou avô ou bisavô, elementos da administração régia sob vários reis da 2.ª dinastia. Seguidamente, o manuscrito foi herdado pela filha de Luís de Alcáçova, Luísa de Távora, mulher de Lourenço de Lima de Brito, 6.º visconde de Vila Nova de Cerveira, mantendo-se nesta família até ao 15.º visconde, momento em que foi herdado pela filha deste último, Helena Luísa Xavier de Lima, mulher do 4.º marquês de Castelo-Melhor. À morte do 5.º marquês, a sua biblioteca foi leiloada (em 1878), tendo o códice sido então comprado pela Academia das Ciências de Lisboa (Cintra, 1951: CDXCIX).

sobre o seu programa iconográfico<sup>7</sup>, contudo, a fonte também tem sido abordada desde o ponto de vista da História do Livro e da Literatura<sup>8</sup>. O que as pesquisas já realizadas também demonstraram foi a riqueza acrescida que constitui a consideração integrada de texto e imagem, independentemente do ponto de vista predominante adotado. O estudo que a seguir apresentamos insere-se nesta linha de trabalho, com a particularidade de que terá em consideração não só as possíveis relações texto/imagem existentes no ms., mas procurará ainda ter em conta o universo literário e cultural da época e respetivo reflexo ou interferência no diálogo que a imagem estabelece com o texto que ilustra. São considerados os estudos de Mary Carruthers (1992, 1998, 2002) sobre a memória no período medieval<sup>9</sup>, pois é nossa convicção que uma boa parte das imagens que existem no códice 1 Azul da ACL que têm, até ao momento, sido consideradas como mera decoração são, de facto, figuras que estabelecem associações mnemónicas com elementos da cultura geral da época, seja livresca, seja de tradição oral, seja ao nível do imaginário partilhado. Neste sentido, consideramos que as representações que aqui analisamos podem ser entendidas como *imagines verborum* (Carruthers, 1992: 226), por remeterem para conhecimentos relacionados, mas exteriores à obra que acompanham. Tratar-se-ia de informações que seriam do conhecimento geral do público da época que, estimulado pela visualização das iluminuras, realizaria a respetiva

<sup>7</sup> Nomeadamente Peixeiro, Tibúrcio, Rodríguez Porto e Pandiello. Estes estudos identificaram diferenças e oscilações no programa decorativo (Peixeiro (2009) considera que se trata de um programa não unitário; Tibúrcio (2016) defende a coerência da decoração executada); procuraram datar a sua realização (Peixeiro (2009) considera que a decoração foi realizada após a redação do texto, em meados do séc. xv; Tibúrcio (2016 e 2018) considera que as iluminuras são dos anos 1420/30); contextualizaram comparativamente o códice (para além da questão das semelhanças com outros códices saídos do *scriptorium* régio dos Avis, já referidas na nota n.º 3, Rodríguez Porto (2016) sublinha as diferenças existentes entre o programa iconográfico deste ms. e outros mss. afonsinos e pós-afonsinos) e identificaram linhas temáticas predominantes, como a exaltação do rei e da soberania (Peixeiro, 2009) ou a atenção dada a exemplos de comportamentos femininos (Pandiello, 2016).

<sup>8</sup> Nascimento (2019) aborda as características do códice e faz um percurso pela sua história e pelos estudos já realizados a seu respeito; Amado (1999-2000) estuda a relação entre texto e imagem em cinco pontos específicos do ms. da Academia das Ciências.

<sup>9</sup> Dos estudos de Mary Carruthers sublinha-se, para efeitos do presente trabalho, a distinção entre *imagines verborum*: «One of the continuing themes in medieval manuscript illumination is the use of what some art historians call “word-pictures”, or images that cue the text they accompany. The technique seems to me clearly related to the practice of making mnemonic *imagines*» (Carruthers, 1992: 226) e *imagines rerum*: «Some are “*imagines rerum*”, related to the content in a way that we seem to recognize easily» (Carruthers, 1992: 229).

associação, concretizando assim uma triangulação que articularia o texto do livro, a imagem e a informação externa convocada.

Neste sentido, e como o título do presente artigo indica, passamos ao segundo elemento que aqui pretendemos equacionar, a poesia épica e o romanceiro. Em finais do séc. XIX, Milá y Fontanals e Menéndez Pidal defenderam que terá existido uma fase (conjetural) em que os velhos cantares de gesta se terão desmembrado paulatinamente e, via um processo de refundição tradicional, dado origem aos quadros lírico-narrativos atualmente designados como Romances. A teoria tradicionalista, apesar de ter sido objeto de algum debate ao longo dos anos, mantém também um bom nível de aceitação, nomeadamente no que se refere aos denominados «Romances históricos de tema épico ou lendário»<sup>10</sup>. A atribuição de datas a este processo é, naturalmente, um trabalho inglório, dada a manifesta ausência de documentação. Em todo o caso, o registo documental de um romance, considerado como o mais antigo, encontra-se num caderno datado de 1421, hoje na Biblioteca Nacional de Florença. Trata-se de um apontamento, feito por um estudante maiorquino, Jaume de Olesa (Pinto-Correia, 1984: 54; Ferré, 2000: 25, n. 18; Beltran, 2016b: 15-16 e 2016c: 5-6). Porém, tratando-se de textos tradicionais, o registo por escrito é sempre posterior à formação do texto, que vive na oralidade, na tradicionalidade (Menéndez Pidal, 1953: I, 157; Ferré, 2000: 25). Assim, há que assumir que o aparecimento da forma textual foi anterior, provavelmente algures entre os sécs. XIII e XIV<sup>11</sup>. Em Portugal, a referência mais antiga a um romance encontra-se na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, escrita entre 1441-1450<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Sobre este assunto, ver Menéndez Pidal (1953); Catalán (2000: 555-661); Ferré (2000: 20-21); Di Stefano (2010: 50-56); Beltran (2016b: 9-36 e 2016c: 33-35, 74-76 e 147-152); Higashi (2017: 16), entre outros.

<sup>11</sup> Ferré (2000: 13 e 28) considera que o Romanceiro terá surgido logo no século XIII, proliferando no 1.º quartel do século XV; Pinto-Correia (1984: 54) aponta para o século XIV, pelo menos; Di Stefano (2010: 8) indica que, conjeturalmente, se aponta para os séculos XIII-XV, mas sublinha que só surgem versões atestadas no século XV.

<sup>12</sup> Sobre esta referência, que surge no final do cap. XVI da crónica de Fernão Lopes, colocada na boca dos companheiros da rainha Leonor Teles que, em fuga, desejam que Lisboa arda (Lopes, 2017: 51-52), e que remete para o romance «El moro Búcar ante Valencia» ver, neste mesmo volume, as páginas 26-35 do artigo de Teresa Araújo «A emergência do português no romanceiro antigo e o testemunho da *Crónica de D. João I*». Para uma reflexão sobre o surgimento dos primeiros romances (no caso, os «romances linhagísticos»), as dúvidas quanto às suas primeiras formas e os testemunhos em zonas periféricas a Castela (Portugal e Coroa de Aragão), ver Beltran (2016a).

Independentemente da necessária prudência que a consideração de datas atribuídas acarreta, não podemos deixar de constatar e de sublinhar uma coincidência epocal. A elaboração do ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa terá ocorrido nas primeiras décadas do século xv (Cintra, 1951: CDXCVIII), tendo a data do seu programa iconográfico sido circunscrita ou a meados do séc. xv (Peixeiro, 2009), ou aos anos 1420/30 (Tibúrcio, 2016 e 2018). O primeiro registo documentado de um romance é de 1421 e a primeira referência a um romance em Portugal é de cerca de 1441-1450, encontrando-se numa crónica de Fernão Lopes, encomendada por D. Duarte, o mesmo soberano que poderá ter sido o promotor e primeiro possuidor do ms. 1 Azul. Acresce o facto de a alusão existente na *Crónica de D. João I* remeter para um romance do ciclo do Cid, sendo que o estudo que se seguirá incide precisamente sobre passagens da história deste herói castelhano, contrastando relatos da *Crónica de 1344*, das *Mocedades de Rodrigo* e de romances, em articulação com as iluminuras existentes no códice 1 Azul da ACL. Note-se ainda que D. Duarte foi casado com Leonor de Aragão, a quem o manuscrito aqui em estudo poderá ter sido oferecido. A rainha era irmã de Afonso V de Aragão, o Magnânimo, rei na época e na região em que surgiram os primeiros registos escritos de romances (Beltran, 2016a e 2016c: 5-9), o que pode apontar para o surgimento de uma «moda» que valorizasse precisamente este tipo de registo poético, eventualmente ao gosto da rainha.

## 1. A embaixada do Cid à infanta Urraca de Zamora<sup>13</sup>

A *Crónica de 1344* relata, com algum detalhe, as guerras fratricidas que, na sequência do falecimento do rei Fernando I, opuseram os seus três filhos e duas filhas. É neste contexto que tem lugar a embaixada que, a mando de Sancho II e a contragosto, o Cid efetua junto de D. Urraca para lhe exigir a entrega de Zamora. Caso a infanta não entregue a sua cidade ao irmão, Sancho II, este ameaça combater a cidade até conseguir tomá-la. No ms. 1 Azul da ACL, o cap. CDXCII «Como el rey dom Sancho tomou o reyno de Leon, despois da ida de dom Affonso; e como os de Çamora tomarõ por seu capitam dom Airas Gonçallo» (1961: 373) é seguido,

<sup>13</sup> Uma primeira abordagem ao texto e imagens que, no ms. 1 Azul da ACL, apresentam este episódio foi publicada em Dias (2023).

já no f. 205<sup>r</sup>, pelo cap. CDXCIII «Como el rey dom Sancho foy sobre Çamora» (1961: 375) e por duas imagens. Na primeira, vemos uma águia que ataca e fere o que parece ser uma raposa. Simbolicamente, tendo em conta o que é dito sobre estes dois animais em bestiários<sup>14</sup>, podemos interpretar esta imagem como uma representação de uma ave nobre, forte e guerreira, que domina um animal volúvel e matreiro, ou seja, tratar-se-á de uma alusão ao antagonismo dos dois irmãos, Sancho e Urraca. Com efeito, essa é a história que as crónicas reportam: o rei ataca militarmente Zamora, e Urraca, por meio de uma estratégia menos linear, consegue aniquilar o seu agressor.



FIGURA 1. Detalhe do f. 205<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL

<sup>14</sup> Considerando o bestiário inserido nas *Etimologias* de Santo Isidoro, conhecidas na Península Ibérica durante o período medieval, a raposa é vista como um animal volúvel e matreiro (Isidoro de Sevilla, 1982: II, 75). Já a águia é um animal nobre, de vista penetrante, capaz de olhar o sol de frente e certa vez na caça (Isidoro de Sevilla, 1982: II, 107), características corroboradas pelos *Livros das Aves* (obra de que existem exemplares em Portugal), que ainda acrescenta a ideia de que a designação «águia» representa o «poder terreno» (*Livro das Aves*, 1999: 165).

A imagem que, no entanto, mais sobressai neste conjunto é a que apresenta um casal amorosamente envolvido. A seu respeito, Peixeiro (2009: 174) salientou o contraste entre o texto (que só refere uma amizade de infância entre o Cid e a infanta Urraca, justificada pelo facto de terem sido criados juntos) e o erotismo da imagem. Tibúrcio (2015: 168-169 e 2016: 96) apresenta esta imagem como um exemplo de ilustração que não tem que ver com o texto, uma vez que a crónica não refere fervores amorosos, considerando ainda que se trata de um caso representativo das intenções subversivas do iluminador.

A ilustração ganha, no entanto, um significado mais amplo se considerarmos a fama de costumes menos castos que Urraca de Zamora tinha, o que certamente seria do conhecimento geral, especialmente em ambiente cortês, tal como registado em algumas crónicas, ainda que de forma relativamente ambígua<sup>15</sup>. Igualmente velados são os ecos desta fama que reencontramos no romanceiro tradicional, na seguinte composição, que poderá ter ido buscar o tema ao cantar de gesta perdido conhecido como *Cantar del Rey dom Sancho / Cerco de Zamora*:

---

<sup>15</sup> A fama negativa de Urraca de Zamora decorre de insinuações que apontam para algum desregramento sexual, veiculadas, nomeadamente, pelas crónicas castelhanas, e que a crónica portuguesa reproduz. Veja-se a resposta sugestiva dada a Velido Dolfos: «Mas digote que nõ ha homẽ que me descercasse Çamora, fazendo ende levãtar meu irmaão, que lhe eu nõ desse que quer que me demandasse.» (*Crónica de 1344*, 1961: 383), ou a crítica à sua proximidade com o irmão, Afonso VI: «mandava a seus conselhos chamar a iffante dona Orraca, por que era molher de bõo intendimêto, e todo o que avya de fazer e reger enno reyno, faziao per seu consselho, pero que esto lhe avyã todos por mal» (*Crónica de 1344*, 1961: 409). Sobretudo esta última crítica é relativamente ambígua: pode referir-se ao facto de um rei adulto não se dever deixar guiar por uma mulher, podendo também sugerir a reprovação de um relacionamento moralmente duvidoso que teria unido os dois irmãos. Sobre este assunto, ver Reilly (1988: 74) que refere as suspeitas de incesto entre Afonso VI e Urraca, salientado a inexistência de provas convincentes. Ver igualmente Ratcliffe (1995), que indica a possibilidade de uma ligação também com o Cid; Lévi-Provençal e Menéndez Pidal (1948) que identificam fontes árabes que aludem à existência de uma relação incestuosa entre Afonso VI e Urraca e ainda Catalán (2000: 94 e 150-151), que convoca vários testemunhos sobre o assunto, incluindo os de autores muçulmanos.

**Romance del Cid ruy dïaz**<sup>16</sup>

A Fuera a fuera Rodrigo	el soberuio castellano
acordar se te deuria	de aquel tiempo ya passado
quando fuiste cauallero	altar de Santiago
quando el rey fue tu padrino	tu Rodrigo el ahijado
<b>yo te calce las espuelas</b>	<b>porque fuesses mas honrrado</b>
<b>que pense casar contigo</b>	<b>mas no lo quiso mi pecado</b>
casate con Ximena gomez	hija del conde loçano
<b>con ella viuiste dineros</b>	<b>comigo vuieras estado</b>
<b>bien casaste tu Rodrigo</b>	<b>muy meior fueras casado</b>
<b>dexaste hija de rey</b>	<b>por tomar de su vassallo</b>
si os parece mi seõora	bien podemos destigallo
mi anima penaria	si yo fuesse en discrepallo
a fuera a fuera los mios	los de a pie y de a cauallo
pues de aquella torre mocha	vna vira me han tirado
no traya el asta hierro	el coraçon me ha passado
ya ningun remedio siento	sino biuir mas penado

(*Cancionero de Romances impresso en Amberes sin año*, f. 157<sup>r-v</sup>,  
sublinhados nossos).

Manuel da Costa Fontes (2005-2006) estudou este poema salientando os seus possíveis duplos sentidos eróticos e a possibilidade da sua interpretação como uma briga de antigos amantes. Esta leitura tem por base, por um lado, o uso de algum vocabulário metafórico recorrente em poemas eróticos e, pelo outro, os boatos que corriam sobre Urraca, nomeadamente quanto ao seu eventual oferecimento a Velido Dolfos e a possibilidade de uma relação incestuosa com o seu irmão Afonso (futuro Afonso VI) e de outra com o Cid (Fontes, 2005-2006: 99-100). Aliás, a frase de denegação incluída na *Crónica de 1344* (que já se encontra na sua primeira redação; 2015: 563), num ponto em que se faz referência ao facto de o Cid ter sido criado pelo rei Fernando I, remete, implicitamente, para a circulação de «versões» acerca deste relacionamento, que seriam sobejamente conhecidas: «E dona Orraca, sua filha del rey, lhe fazia muyta honrra. E esta foy a razão por que a elle

<sup>16</sup> De acordo com o PHBP - <https://depts.washington.edu/hisprom/optional/balladaction.php?igrh=0021>, a versão impressa mais antiga do romance *Afuera, afuera Rodrigo* encontra-se no *Cancionero de Romances impresso en Amberes sin año*, f. 157, versão que aqui transcrevemos. Na edição crítica de Higashi e Garvin (2021), o poema encontra-se nas páginas 376-377.

amou mais que nem hũu dos seus irmãaos. E nõ entendades que este amor que lhe assi avya fosse por algũa vylanya» (1961: 298).

Note-se, ainda, que em outro romance, *Quejas de doña Urraca*, a questão dos costumes mais duvidosos de D. Urraca já não está implícita, nem se verificam ambiguidades, pelo contrário, a sua licenciosidade é assumida com clareza:

**Romance de doña Vrraca**<sup>17</sup>

Morir vos queredes padre	sã miguel vos aya el alma
mandastes las vuestras tierras	a quien se vos antoiara
a don Sancho a castilla	castilla la bien nombrada
a don Alonso a Leon	y a don Garcia a vizcaya
a mi porque soy muger	dexays me deseredada
<b>yrme yo por essas tierras</b>	<b>como vna muger errada</b>
<b>y este mi cuerpo daria</b>	<b>a quien se me antoiara</b>
<b>alos moros por dineros</b>	<b>y alos christianos de gracia</b>
delo que ganar pudiere	hare bien por la vuestra alma

(*Cancionero de Romances impresso en Amberes sin año*, f. 158<sup>r-v</sup>,  
sublinhados nossos).

Estes dois romances encontram-se no denominado *Cancionero de Romances sin año* (impresso em Enveres, em casa de Martin Nucio), que Menéndez Pidal, na introdução à sua edição deste cancionero (1914: IV), data de entre 1545 e 1550 e Martos (2017), bem como Higashi e Garvin (2021: 52-53), restringem a finais de 1546, inícios de 1547<sup>18</sup>, em todo o caso, cerca de uma centúria posterior aos primeiros registos de romances e à elaboração do ms. 1 Azul. Assim, cronologicamente, a imagem que encontramos na crónica portuguesa situa-se num momento de «terra de ninguém», talvez quando os cantares de gesta começavam a ser esquecidos, eventualmente quando os primeiros romances seriam cantados... A verdade é que

<sup>17</sup> De acordo com o PHBP <https://depts.washington.edu/hisprom/optional/balladaction.php?igrh=0004>, a versão impressa mais antiga do romance *Quejas de doña Urraca* encontra-se no *Cancionero de Romances impresso en Amberes sin año*, f. 158, versão que aqui transcrevemos. Na edição crítica de Higashi e Garvin (2021), o poema encontra-se nas pp. 373-375. Sobre este romance, ver também Menéndez Pidal (1953: I, 210-215).

<sup>18</sup> Sobre a obra de Martin Nucio, ver a introdução à edição crítica de Higashi e Garvin (2021), bem como Beltran (2016b: 61-80) e Martos (2017).

o manuscrito da ACL integra uma imagem que alude claramente a uma informação vagamente referida na crónica (sendo que essas menções não se encontram no episódio da embaixada do Cid a Zamora, mas em outros pontos do relato) e que só ganha expressão documentada um século depois, no Romanceiro<sup>19</sup>. A presença desta representação no manuscrito permite ainda considerar que se tratará de uma alusão a um exemplo de comportamento reprovável, reconhecível pelo público que teria acesso ao códice. Porém, como é que este público poderia ter obtido este conhecimento? Não podemos deixar de pôr a hipótese de estas informações se terem generalizado graças a texto(s) literário(s) divulgados oralmente. A ser assim, estamos perante um caso de remissão interartes que deverá ser valorizado como testemunho da existência (ou permanência) de tradições orais para as quais atualmente não subsistem outros indícios.

## 2. O combate entre o Cid e Martin Gomez pela posse de Calahorra

Um segundo exemplo parece apontar no mesmo sentido da existência de um diálogo entre as imagens do ms. 1 Azul da ACL e o universo literário coevo de tradição predominantemente oral. Referimo-nos ao combate singular entre o Cid e Martin Gomez pela posse de Calahorra. O cap. CDLI: «Como os reis veherom ao prazo da batalha que foy antre Martym Gomez e Rodrigo de Vyvar sobre Callafforra» (*Crónica de 1344*, 1961: 305) tem início no f. 189<sup>r</sup>, que se encontra profusamente decorado. No rodapé da página temos, provavelmente, uma alusão ao início deste combate e, no início do capítulo, a representação do seu desfecho.

---

<sup>19</sup> Carolina Michaëlis de Vasconcelos atesta o conhecimento em Portugal do romance *Afuera, afuera Rodrigo*, porém também só a partir do século XVI (1980: 62-65). O romance sobre a morte de Fernando I é igualmente rastreado (1980: 60-62).

FIGURA 2. F. 189<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL

O episódio é relatado na crônica de forma particularmente emocionante, dadas as características cénicas e emotivas que o episódio comporta. Trata-se, novamente, de uma disputa pela posse de uma cidade, neste caso, Calahorra. Para evitar uma

batalha, é decidido deixar a resolução do impasse a um combate singular entre dois guerreiros: o Cid assume os interesses de Fernando I de Castela, enquanto Martin Gomez é o cavaleiro de Ramiro I de Aragão. De acordo com o texto da crónica, o confronto começa com a chegada do Cid ao local, depois da sua romaria a Santiago, iniciando-se com os dois combatentes a cavalo. Uma vez quebradas as lanças, verifica-se uma troca de palavras agressiva e o Cid, furioso:

foi contra elle e **feriuho** com a espada per cima do elmo, que lho cortou e quanto acalçou da cabeça, em guisa que elle foy muy **mal ferido** e **perdeo muyto sangue**. E elle ferio dom Rodrigo pello escudo e cortoulhe delle quanto acalçou, em guisa que foy muy **mal ferido**; e tam ryjamente tirou a espada pera si que lhe fez perder as estrebeiras. Mas Rodrigo nõ o quis assi leixar e **foy ferir** dô Martim Gomez com a espada pello rostro, de que **perdeu muito sangue**. E, andando assi ambos muy fortes e muy crueviis em sua batalha, **ferindosse muy sem piedade**, que ambos o sabiã bem fazer, dom Martim Gomez **perdia muito sangue**. E, cõ a muy grande fraqueza, nõ se pode teer e cayu do cavallo em terra. E Rodrigo deceu a elle e matouho (*Crónica de 1344*, 1961: 306, sublinhados nossos).

Segundo Lindley Cintra (1951: CCXXXI, CCXLV e ss., CCCXVII e ss.) este ponto da segunda redação da *Crónica de 1344* terá recorrido, como fonte, à *Tradução Galega* que, por sua vez, traduziu a *Crónica de Castela* que terá integrado informações retiradas das *Mocedades de Rodrigo*, poema que poderá também ter sido do conhecimento direto do autor da crónica portuguesa. O teor da passagem acima transcrita não varia muito na tradição cronística<sup>20</sup>. No entanto, verificamos a existência de um detalhe nas *Mocedades de Rodrigo* (onde o episódio é relatado de forma

<sup>20</sup> Veja-se a mesma passagem na *Crónica de Castela*: «Et con muy grande saña de lo que le auía dicho, fue contra él e firiólo de la espada por ençima del yelmo e de la cabeça quanto le alcançó, en guisa que fue muy malferido e perdió mucha sangre. Et don Martín Gonçales firió a don Rodrigo de la espada, que le cortó quanto le alcançó del escudo, et tan reziamente tiró la espada contra sí que le fizo perder el escudo a don Rodrigo. Mas don Rodrigo non lo quiso olvidar et diole otra ferida muy grande por el rostro, de que perdió mucha sangre. Et andando amos muy fuertes e muy crueles, firiendo sin piedad, ca amos eran atales que lo sabían muy bien fazer, et andando en su pleito mucho affincados, perdió Martín Gonçales mucha sangre, et con grande flaqueza non se pudo tener et cayó del cauallo en tierra. Et don Rodrigo descendió a él et matólo» (*Crónica de Castilla*, 2010: lv. 1, cap. 8, §36). A passagem ocorre em *La Traducción gallega*, sensivelmente nos mesmos termos, no cap. 184: 316-317.

relativamente sucinta), que parece ser significativo quando observamos a imagem no início do cap. CDLI:

ívanse dar **seños golpes**,            los cavallos encostaron.  
 [...]
   
Partiéronles el sol            et los fieles como de cabo,  
 ívanse dar **seños golpes**            e erró-l el conde navarro,  
 non lo erró Rodrigo de Bivar            [.....]  
 un golpe le fue dar            que le abatió del cavallo,  
 en ante que el conde se levantase,            deçendió a **degollarlo**  
 (Mocedades de Rodrigo, 2004: 67, sublinhados nossos).



FIGURA 3. Detalhe do f. 189<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL

A imagem que encontramos no f. 189<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL mostra-nos, efetivamente, uma degolação, não referida na *Crónica*, mas mencionada nas *Mocedades de Rodrigo* e também no seguinte romance:

#### **Romance del Cid, quãdo mato a Martin Gonçales sobre Calahorra.**

Armados que ambos son            enel campo son entrados  
 en haziendo la señal,            muy rezió se han encontrado,  
 quebraron ambos las lanças,            quedaron muy lastimados,  
**mal feridos** de los hierros,            de los encuentros pasados.  
 [...]

Y con enojo crecido            para el fue denodado:  
 muchas **heridas** le dio        en tierra lo ha derribado:  
 don Rodrigo se apeo        **la cabeza le ha cortado:**  
 y la **sangre** de su espada      luego la auia limpiado:  
 las rodillas por el suelo,      las manos puestas en alto:  
 muchas gracias daua a Dios    que tal victoria le ha dado  
 (Sepúlveda, 1551: ff. 65<sup>v</sup>-66<sup>v</sup>, sublinhados nossos).

A iluminura do ms. da *Crónica de 1344* já foi estudada por Teresa Amado (1999-2000: 43-45) que nota que, neste Q inicial, temos uma imagem que privilegia a representação do final da luta entre os dois campeões, identificando o combate apeado, o elmo caído entre os pés de ambos e a presença de uma profusão de sangue, tal como sugerido na crónica, onde as referências a golpes e a sangue são particularmente recorrentes. O texto atualmente conhecido das *Mocedades de Rodrigo* é uma cópia de cerca de 1400, tendo o poema original sido composto um século antes, em finais do séc. XIII (Funes, 2004: XXI-XXVII e XXXVIII). Esta narrativa tem a particularidade de sublinhar a violência dos golpes (mas não acentua a ideia do sangue derramado, como se verifica nas crónicas) e, sobretudo, de nos trazer o detalhe da degolação, representado igualmente na iluminura do ms. 1 Azul. O «Romance del Cid, quando mato a Martin Gonçales sobre Calahorra» integra a obra de Lorenzo de Sepúlveda *Romances nuevamente sacados de historias antiguas dela crónica de España*<sup>21</sup>. Milá y Fontanals, na sua introdução ao *Romancero del Cid*, diz que «Estos Romances, [...] no son sino transcripción versificada de la crónica: mas aunque ayunos de inspiración poética, agradan por lo que conservan de las antiguas narraciones.» (1884: x), dependência que Menéndez Pidal também refere (1953: II, 109-112). O próprio Lorenzo de Sepúlveda, na introdução à sua obra, diz-nos que os poemas estão «en metro Castellano y en tono de Romances viejos, que es lo q̄ agora se vsa. Fuerō sacados a la letra de la cronica que m̄do recopilar el serenissimo señor rey don Alonso» (prologo, f. 2<sup>v</sup>). Assumindo que a fonte de Lorenzo de Sepúlveda terá sido a versão das Crónicas de Espanha de Florián de Ocampo, a consulta deste texto revela-nos que o episódio é aqui contado do mesmo modo

<sup>21</sup> Sobre a obra de Lorenzo de Sepúlveda, ver Higashi (2017: 27-42). Neste estudo, é sublinhada a dependência relativamente à crónica de Ocampo. No que se refere à datação da obra, a sua primeira edição perdeu-se, restando a edição de 1551, impressa por Juan Steelsio (29-30).

que nas crónicas já referidas, ou seja, sem que se faça alusão a uma degolação (Ocampo, 1541: f. cclxxxii').

Os romances de Lorenzo de Sepúlveda pertencem, assim, a uma matriz erudita, alheios a uma formação na tradicionalidade. Porém, é neste romance que encontramos a convergência entre o tema do sangue derramado (consequência das feridas) e o cortar da cabeça, dois elementos evidentes na iluminura. Tal como na análise da imagem anterior, fica a questão de saber de onde o ilustrador do manuscrito português, nas primeiras décadas do século XIV, terá tirado a inspiração para o seu desenho? Das *Mocedades de Rodrigo*? De uma outra versão do cantar de gesta, na altura ainda conhecida, mas atualmente perdida? Ou de um romance prévio ao que hoje conhecemos e que também referisse tanto o sangue derramado como a degolação?

### 3. O Cid e Jimena Gómez

O terceiro e último exemplo que analisamos neste trabalho encontra-se no f. 188<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL. A miniatura inicia o cap. CDXLVIII, «Aquí tornaremos a falar dos feitos del rei dō Fernão e de como se ouve ã sua fazēda» (*Crónica de 1344*, 1961: 301), que fala do desentendimento entre o rei D. Fernando e seu irmão, Garcia de Navarra. No entanto, por certo a imagem não remete para este capítulo, mas sim para o anterior, que termina nesse fólio, o cap. CDXLVII, «Como el rei dom Fernando ouve grande prazer da boa andãça que Deus avya dada a Rodrigo de Vyvar» (*Crónica de 1344*, 1961: 299). Neste ponto da crónica é relatado o pedido de Jimena Gomez ao rei: sendo a filha menor do conde D. Gomez, que Rodrigo de Vivar matara, a jovem pede a Fernando I que lhe dê por marido o assassino do pai, a quem, desta forma, poderá perdoar. A crónica refere que este acordo desagrade aos grandes senhores do reino, mas traz satisfação ao rei e também ao Cid, sendo logo chamado o bispo de Palencia para os casar:

E, logo que Rodrigo vyo as cartas del rey, prouguelhe muyto com ellas e guysousse muy bem e muyto honrradamente cõ muytos cavalleiros, seus parentes e amigos, bem armados e ben apostados – e eram bem duzentos. E assi foy a el rey. E elle o recebeo muyto honrradamente e com grande prazer. **E desto pesou muyto aos condes.** E, depois que foy apousétado, teve el rey por bem

fallar com elle. E, ãnas fallas que com elle falou, disselhe em como dona Symena Gomez, filha do conde dom Gomez, que elle matara, que o viinha demandar por marido e que lhe perdoava a morte de seu padre; e elle que o rogava que lhe prouvesse de casar com ella e que lhe faria por ello ben e mercee.

Rodrigo de Vyvar, quando esto ouvyo, **prouguelhe muyto** e respondeo a el rey **que lhe prazia** de fazer o que lhe elle mandasse. E el rey lho agradeceo muyto. E mandou logo por o bispo de Pallença e fezeos logo receber assy como he mandado da Santa Igreja. E, desque foron recebidos e as juras feitas, fezelles el rey muyta honrra e deulhe muitas nobres doas e pos a Rodrigo mais terra que a que delle tinha (*Crónica de 1344*, 1961: 300, sublinhados nossos).

A imagem que encontramos no f. 188<sup>r</sup> do ms. da ACL, de aparência bastante peculiar, dado o aspeto do castelo que aí é representado (e que nos remete para as gravuras de um artista gráfico do século xx, M. C. Escher), ilustra o episódio relatado na crónica. A figura em azul é claramente uma imagem de mulher que a personagem de verde galanteia. A figura de encarnado, em baixo, parece alguém que toca um instrumento de sopro, o que poderá ser visto como um sinal de festividade. A personagem de encarnado que espreita na plataforma a meio do castelo, por detrás da torre, pode ser articulada com os desconfiados e desagradados condes.



FIGURA 4. Detalhe do f. 188<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL

A passagem acima transcrita encontra paralelos tanto na *Crónica de Castela*, como na sua *Tradução galega*, fonte da *Crónica de 1344*<sup>22</sup>. No entanto, quando lemos as *Mocedades de Rodrigo*, as diferenças relativamente ao texto e à imagem do manuscrito português são marcantes, nomeadamente ao nível das perceções e das atitudes. O episódio inicia-se também com o pedido de D. Jimena ao rei, porém, é o amo de Fernando I, o conde D. Osório, quem vemos primeiro reconhecer as vantagens políticas do enlace:

“Merçed”, dixo, “señor, non lo tengades a mal,  
mostrarvos he asosegar a Castilla e a los reinos otro tal,  
datme a Rodrigo por marido, aquél que mató a mi padre”.

Quando aquesto oyó **el conde don Ossorio**, amo del rey don Fernando,  
tomó el rey por las manos e aparte iva sacarlo:  
“Señor, ¿qué vos semeja qué don vos ha demandado?  
Mucho lo devedes **agradeçer** al Padre apoderado.  
Señor, enbiat por Rodrigo e por su padre privado”

(*Mocedades de Rodrigo*, 2004: 43, sublinhados nossos).

Segue-se o episódio em que Rodrigo recebe as cartas do rei, solicitando a sua comparência. Ignorando o motivo do chamamento do rei, o pai de Rodrigo, Diego Laínez, teme que a morte do filho possa estar iminente, como vingança pelo assassinato do conde D. Gómez, e propõe-se ir à corte. Apesar do perigo, Rodrigo decide ir também ao encontro do rei, se bem que armado e com 300 cavaleiros. Quando chega à corte e descobre as intenções do rei, a notícia do casamento não é recebida com agrado:

Allí despossavan a doña Ximena con Rodrigo el Castellano.  
Rodrigo respondió muy sañudo contra el rey castellano:  
“**Señor, vos me despossastes, más a mi pesar que de grado**”

(*Mocedades de Rodrigo*, 2004: 49, sublinhados nossos).

<sup>22</sup> A passagem encontra-se sensivelmente nos mesmos termos na *Cronica de Castilla* (lv. 1, cap.4: §17-18) e em *La Traducción gallega* (cap. 179-180: 310-311).

Podemos resumir as divergências entre a tradição cronística e as *Mocedades de Rodrigo*, na seguinte tabela:

<b>Crónica de 1344</b>	<b>Mocedades de Rodrigo</b>
O rei fica satisfeito com o pedido de D. Jimena e manda chamar o Cid.	Após o pedido de D. Jimena, é o conde D. Osorio, amo do rei, quem apoia e impulsiona o casamento.
Os condes ficam desagradados com a ideia.	Não se fala de condes que tenham ficado desagradados.
Rodrigo fica feliz com o chamamento do rei.	Rodrigo recebe as cartas do rei triste e desconfiado.
Vai ao encontro de Fernando I confiante e em paz.	Vai ao encontro de Fernando I em atitude bélica e sobranceira.
Leva 200 cavaleiros consigo, como escolta de honra.	Leva consigo 300 cavaleiros como defesa e prova de força.

Passando ao Romanceiro, o texto mais antigo que encontrámos sobre o pedido de justiça de Ximena articula-se com os temores a que as *Mocedades* se referem. Distingue-se, no entanto, deste poema ao pôr em cena uma estratégia do pai de Rodrigo que tenta esconder as cartas do filho por considerar que o chamamento do rei poderá ser fatal.

#### **Romance de Ximena gomez<sup>23</sup>**

Cada día que amenece	veo quien mato mi padre
y me passa por la puerta	por me dar mayor pesare
con vn falcon en la mano	que trae para caçare
mata me mis palomillas	que estan en mi palomare
rey que no faze iusticia	non deuia de reynar
ni caualgar en cauallo	ni con la reyna holgar
el rey quando aquesto oyera	començara de pensare
si yo prendo o mato al Cid	mis cortes reboluer se ane

<sup>23</sup> De acordo com o PHBP - <https://depts.washington.edu/hisprom/optional/balladaction.php?igrh=0001>, a versão impressa mais antiga do romance *Jimena pide justicia* encontra-se no *Cancionero de Romances impresso en Amberes sin año*, f. 155, versão que aqui transcrevemos. Na edição crítica de Higashi e Garvin (2021), o poema encontra-se nas pp. 406-408, discutindo-se ainda a sua articulação com a tradição oral. Sobre os poemas que, no Romanceiro velho, retratam cenas das *Mocedades de Rodrigo*, ecoando o carácter indómito do herói castelhano, ver Catalán (2000: 581-603). Ver ainda Menéndez Pidal (1953: I, 219-221).

mandar le quiero vna carta	mandar le quiero llamare
las palabras no son dichas	la carta camino vae
mensajero que la lleua	dado la auia a su padre
malas mañas aueys conde	no vos las puedo quitare
que <b>cartas que el rey vos manda</b>	<b>no me las quereys mostrare</b>
no era nada my hijo	sino que vades allae
que[d]ad vos aquí hijo	<b>yo yre en vuestro lugare</b>
nunca dios a tal quisiesse	ni santa maria lo mande
sino que <b>adonde vos fueredes</b>	<b>que vaya yo adelante</b>

(*Cancionero de Romances impresso en Amberes sin año: f. 155<sup>r-v</sup>,  
sublinhados nossos*).

Bastante diferente, mas com algumas particularidades interessantes, é o seguinte romance de Lorenzo de Sepúlveda:

### Romance del Cid

[...]

El rey lo tuuo por bien	lo que Ximena pedia:
escruiierale sus cartas,	que viniessse le dezia
a Palencia, donde estaua,	ques cosa que le cumplia:
Rodrigo que vio las cartas	que el rey Fernando embia,
caualgo sobre Babieca,	muchos en su compañía:
todos eran hijos dalgo	los que Rodrigo traya:
<b>armas nuevas trayan todos</b>	<b>de vna color se vestian:</b>
amigos son y parientes,	todos a el lo seguian
<b>trezientos</b> eran aquellos,	que con Rodrigo venian:
<b>el rey salio a recibirlo,</b>	<b>que muy mucho lo queria,</b>
dixole el rey don Rodrigo:	Agradeszcoc la venida,
aquessa Ximena Gomez	por marido a vos pedia:
y la muerte del su padre	perdonada os la tenia
yo vos ruego que lo hagays,	dello gran plazer auria:
hazeruos he gran merced	muchas tierras vos daria.
<b>Plazeme</b> rey, mi señor,	don Rodrigo respondia,
en esto y en todo aquello	que tu voluntad seria.
El rey se lo agradecio:	desposado los auia
el obispo de Palencia, [...]	

(Sepúlveda, 1551: f. 118<sup>r-v</sup>, sublinhados nossos).

A referência a uma escolta de 300 cavaleiros faz-nos recordar as *Mocedades*. Porém, a consulta da Crónica de Ocampo mostra-nos que o detalhe já ali se encontra, tal como a alusão ao ambiente festivo: «e yr luego bien e mucho apuestamēte de muchos caualleros del e de sus pariētes e de sus amigos e muchas armas nueuas, e lleo a Palēcia al rey cō treziētos parientes de armas en fiestas» (Ocampo, 1541: f. cclxxx<sup>v</sup>). O relato, na crónica de Ocampo, é contado de forma sensivelmente idêntica às crónicas anteriores, salvo por pequenos detalhes, como os referidos. Assim, considerando tanto as crónicas anteriores, como a informação que é adicionada ou alterada por Ocampo, podemos perguntar-nos se esta tradição historiográfica e sua evolução não poderá ser resultado do conhecimento de outras fontes que contassem o episódio de forma positiva e festiva, eventualmente, sob a forma de poesia?

Mais tarde, encontramos outro romance culto, assaz elaborado, que leva bastante mais longe a tendência para a representação festiva do episódio das bodas do Cid e de Ximena<sup>24</sup>:

A Ximena, y a Rodrigo	prédio el Rey palabra, y mano,
de jūtar los para en vno	en presencia de Lain Calbo.
sus enemistades viejas	con amor se conformaron,
que donde preside amor	se oluidan muchos agrauios
el Rey díó al Cid a Valduerna	a Saldaña, y Belforado,
y a san Pedro de Cardeña	en su hazienda bíncularon,
entrose a vestir de boda	Rodrigo con sus hermanos,
quitose gola, y arnes	resplandeciente y grauado,
pusose vn medio botarga	con vnos viuos morados,
calças balonas Tudescas,	de aquellos siglos dorados
eran de grana de poluo	y de vaca vnos çapatos,

<sup>24</sup> De acordo com Menéndez Pidal, este romance foi publicado pela primeira vez no *Romancero general de 1600* (onde consta no f. 94). Opõe a moda mais exuberante de finais do séc. XVI à anterior, mais simples, uma questão debatida nessa época (vid. Menéndez Pidal, 1959: 236-237). Porém, de acordo com Campa (2023: 30), que estuda as fontes do *Romancero general*, este poema já aparece impresso na *Flor cuarta y quinta* (Burgos, 1592 e 1594), bem como em *Ramillete de flores. Cuarta parte de flor de romances...* (Lisboa 1593), versão que aqui transcrevemos.

con dos heuillas por cintas      que le apretauan los lados,  
 camison redondo y justo      sin filetes ni recamos,  
 que entonces el almidon      era pan para muchachos,  
 vn jubon de raso negro      ancho de manga estofado,  
 ñ en tres, o quatro batallas      su padre le auia sudado,  
 vna acuchillada cuera      se puso encima del raso,  
 en remēbrança y memoria      de las muchas ñ auia dado,  
 vna gorra de contray      con vna pluma de gallo,  
 lleuaua con vn tudesco      en felpa todo aforrado  
 La Tizona rabitiessa      del mundo temor y espãto,  
 en tiros nuevos traya      que costarõ quatro quartos,  
 mas galan que Gerineldos      baxo el Cid famoso al patio  
 dõde el Rey, obispo, y grãdes      en pie estauan aguardando,  
 tras esto baxo Ximena      tocada en confia de papos,  
 y no con estas quimeras      que agora llaman vrracos  
 de paño de Londres fino      era el vestido bordado,  
 vnas garnachas muy justas      con vn chapin colorado,  
 vn collar de ocho patenas,      con vn san Miguel colgado,  
 que apreciaron vna villa      solamente de las manos,  
 llegaron juntos los nouios      y al dar la mano y abraço,  
 el Cid mirando a la nouia      le dijo todo turbado,  
 mate a tu padre Ximena,      pero no a desaguisado,  
 matele de hombre, a hõbre      para vengar cierto agrauio  
 mate hombre, y hõbre doy      aqui estoy a tu mandado,  
 y en lugar del muerto padre      cobraste marido honrado,  
 a todos parecia bien      su discrecion alauaron,  
 y assi se hizieron las bodas      de Rodrigo el Castellano  
 (*Ramillete de flores*, 1593: ff. 146<sup>v</sup>-148<sup>v</sup>).

Os dois últimos romances transcritos são recolhidos, um pouco mais tarde, em 1605, na compilação de Juan de Escobar, *Historia del my valeroso cavallero el Cid Ruy Diez de Biuar*<sup>25</sup> (Escobar, 1605: ff. 13<sup>v</sup>-14<sup>v</sup> e ff. 15<sup>r</sup>-16<sup>v</sup>), impressa em Lisboa.

<sup>25</sup> Sobre esta obra, suas edições e difusão, ver a introdução de Arthur Lee-Francis Askins à edição fac-similada de Escobar (1605) [2017]. Ver também Higashi, que sugere a possibilidade de uma edição anterior à de Lisboa, 1605, que circularia em Espanha, cerca de 1602 (Higashi, 2017: 50).

Da dedicatória deste livro destacamos a seguinte frase a respeito da história do Cid: «tã sabida de todos, que no ay quien no sepa los hechos marauillosos del Cid, y en Romances a lo antiguo, y algunos tan antiguos, que ya casi no auia memoria dellos» (Escobar, 1605: dedicatória). Poderá tratar-se de uma alusão ao *Ramillite*, também impresso em Lisboa, mas igualmente remeter para um conhecimento geral.

Também neste caso estamos perante romances eruditos, alheios a qualquer tradição épica. Independentemente deste facto, sobretudo o último texto caracteriza-se por apresentar uma cena galante, e compraz-se visivelmente na descrição detalhada da indumentária dos noivos. Tendo em conta as atitudes das personagens que compõem a imagem existente no ms. da ACL, há que recolocar a questão já apresentada no ponto anterior: de onde o iluminador da crónica portuguesa poderá ter tomado a inspiração para o seu desenho? A possibilidade de os autores dos romances terem conhecido este manuscrito é uma probabilidade cronologicamente possível, mas efetivamente muito residual. Tendo em conta a cronologia dos seus possuidores (vd. nota 6), apesar de se tratar de um documento anterior aos romances conhecidos, ao que tudo indica, nunca terá saído de Portugal e a sua circulação terá sido bastante restrita. Assim, ou tratar-se-á de um caso de poligénese da mesma ideia em locais e épocas distintas, ou fará sentido conjecturar a existência de um texto (romance? poema lírico?) anterior aos atualmente conhecidos que já apresentasse este matrimónio em moldes menos violentos e mais cortesões<sup>26</sup>. A *mouvance*<sup>27</sup> que caracteriza o universo literário medieval, mormente o que vive na oralidade, implica o primado da mobilidade, da ductilidade textual, que resulta na permanente articulação entre evolução e criatividade. Na verdade, a imagem que se encontra no f. 188<sup>r</sup> do ms. 1 Azul apresenta uma cena de relacionamento cortês que também não é descrita na crónica, onde o casamento é relatado de forma seca e factual... Aliás, na sequência da evolução temática que acabamos de apresentar, um olhar sobre a composição que orna o rodapé do fólio

---

<sup>26</sup> Beltran (2016c), ao defender a importância dos músicos e poetas de corte, dos «pliegos» e dos interesses e gostos do público cortês na transmissão e conservação dos romances coloca também, necessariamente, a questão de o tom inicial de alguns poemas poder ter sido muito diferente do que atualmente conhecemos.

<sup>27</sup> Sobre o conceito de *mouvance*, ver Zumthor (1972: 65-75). Mais especificamente sobre a questão das variantes no Romanceiro, ver os artigos reunidos em Martos (2014: secção «Romancero»).

traz-nos à mente precisamente a questão da violência que opõe um guerreiro vestido e armado ao que parece ser um homem selvagem... eventualmente, uma alusão às duas vertentes de Rodrigo?



FIGURA 5. F. 188<sup>r</sup> do ms. 1 Azul da ACL

## Reflexões finais

O ms. 1 Azul da *Crónica de 1344*, atualmente na Academia das Ciências de Lisboa, foi produzido num momento que atualmente está marcado pela escassez extrema de testemunhos, seja da épica, seja do romanceiro. No entanto, verificamos que integra um conjunto de imagens, relacionadas com a história do Cid, que ultrapassam, em grau variável, a informação veiculada pela crónica, mas que encontram alguma correspondência, quer no texto épico tardio (na designação de Funes, 2004: xv-xxi) das *Mocedades de Rodrigo*, quer no Romanceiro. O poema das *Mocedades de Rodrigo* é cronologicamente anterior à elaboração do ms. 1 Azul, tendo sido integrado na *Crónica de Castela* que, por sua vez, via *Tradução galega*, foi fonte da crónica portuguesa. Porém, a imagem que representa o desfecho do combate entre o Cid e Martin Gómez integra informações que surgem nas *Mocedades*, mas não tinham sido recolhidas pelas crónicas, o que indicia que este texto, ou outro(s) semelhante(s) continuava(m) a ser conhecido(s). No que se refere ao Romanceiro, as composições que hoje conhecemos são bastante mais recentes do que o exemplar da crónica aqui em estudo, porém, podemos conjecturar a existência de antecedentes, em épocas próximas à da elaboração deste códice. Não podemos saber, no entanto, de que tipo de textos se trataria ao certo. A ausência documental de transcrições de poemas (épicos? líricos? romances?) coetâneos da elaboração do ms. 1 Azul dificulta, de facto, a identificação do tipo de texto que poderá ter sido a fonte de inspiração do iluminador. Estaríamos ainda numa fase de coexistência da épica com o romanceiro? Seria este o momento do estertor da primeira forma textual e da afirmação da segunda? Tratar-se-ia de poemas de carácter mais lírico ou cortês? Se considerarmos que o romanceiro resulta da evolução do género épico, mediante contaminação lírica, tal como referido por Pinto Correia (1984: 20), podemos inclinar-nos para a possibilidade de o iluminador ter conhecido já romances. Caso estes tenham efetivamente existido, poderão também ter sido fonte de inspiração para os romances eruditos posteriores que chegaram até nós. Não obstante, o que as ilustrações da crónica portuguesa nos sugerem é que o iluminador do ms. 1 Azul terá conhecido relatos, muito provavelmente, de circulação oral, que se refeririam seja ao desregramento sexual da infanta Urraca de Zamora, seja ao duelo pela posse de Calahorra, seja ao episódio do casamento do Cid em ambiente cortês e não violento. Neste sentido, este testemunho vem sublinhar não só a proximidade e articulação entre romances e crónicas, mas também a presença e a importância destas narrativas poéticas em ambiente de corte, tal

como defendido por Beltran (2016a; 2016b: 31-35; 2016c). Por todos estes motivos, o manuscrito da *Crónica de 1344* aqui em estudo, ao veicular, graças às suas imagens, um conjunto de informações externas ao texto cronístico que transmite, torna-se num testemunho efetivo da continuidade ininterrupta de uma dinâmica tradicional, num momento de relativo vazio documental. Assim, as iluminuras deste manuscrito merecem ser valorizadas adequadamente pois, muito para além de simples ornamentação, reportam informações que, não só sugerem o estabelecimento de ligações extratextuais, mas também nos permitem vislumbrar um pouco da riqueza cultural da sua época de produção.

A dimensão do diálogo interartes e da intertextualidade é outra vertente que consideramos ser igualmente de valorizar. Com efeito, ao estabelecerem pontes entre o texto da crónica e outras composições, presume-se que orais, que viviam no ambiente cultural e tradicional da época, as iluminuras do ms. 1 Azul tornam-se agilíssimos elementos potenciadores de associações e de relacionamentos de ideias. Estas imagens estabelecem fortes laços simultaneamente intratextuais, intertextuais e interartes na medida em que, para além do cruzamento entre texto e imagem, são estabelecidas ligações, quer com o próprio relato da crónica, quer com outras composições diferentes. Por conseguinte, na sequência dos laços que as iluminuras do ms. 1 Azul estabelecem com a literatura e cultura da época em que se encontra imersa, cabe questionar-nos sobre a pertinência da consideração destas imagens como forma de citação ou alusão, um pouco à semelhança das evidências outrora identificadas e recolhidas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1980), trabalho atualmente desenvolvido e aprofundado pelo projeto RELIT-Rom (Araújo *et alii*, s/d). No fundo, tal como muitas das citações e alusões escritas que têm vindo a ser identificadas, as imagens deste códice aludem a referentes atualmente não documentados, mas cuja existência podemos presumir graças também a estas evidências remissivas.

## Bibliografia

- AMADO, Teresa (1999-2000), «As Imagens e o Texto Manuscrito Iluminado da *Crónica Geral de Espanha de 1344*», *Ariane. Revue d'études littéraires françaises*, n.º 16, 35-49.
- AMADO, Teresa (1999), «O projecto histórico de um infante», em Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, Cosmos - FLUL, 303-309.

- ARAÚJO, Teresa et alii (s/d), *RELIT-Rom. Revisões literárias: a aplicação criativa de romances antigos (sécs. xv-xviii)*, base de dados disponível em <<https://relitrom.pt>>, consultado em agosto de 2023.
- BELTRAN, Vicenç (2016a), «Génesis del Romance y difusión del Romancero: ideología, política y propaganda», em Constance Carta, Sarah Finci, Dora Mancheva (eds.), *Antes se agotan la mano y la pluma que su historia | Magis deficit manus et calamus quam eius hystoria. Homenaje a Carlos Alvar*, vol. I, San Millán de la Cogolla, Cilengua, 463-479.
- BELTRAN, Vicenç (2016b), «La primera parte de la *Silva de Romances*», em *Primera parte de la Silva de varios Romances*, México, Frente de Afirmación Hispanista, 9-137.
- BELTRAN, Vicenç (2016c), *El romancero: de la oralidad al canon*, Kassel, Reichenberger.
- CAMPA, Mariano de la (2023), «El romancero nuevo a fines del siglo xvi: catalogación, transmisión, edición», *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos*, n.º 12, 1-46. DOI: <https://doi.org/10.14198/rcim.2023.12.01>, consultado em maio de 2024.
- CANCIONERO DE ROMANCES IMPRESSO EN AMBERES SIN AÑO (1914), R. Menéndez Pidal (intr.), Madrid, Junta para Ampliación de Estudios - Centro de Estudios Históricos (ed. fac-similada).
- CARRUTHERS, Mary (1992), *The book of Memory: a Study of Memory in Medieval Culture*, Cambridge, University Press.
- CARRUTHERS, Mary (1998), *The Craft of Thought: Meditation, Rhetoric, and the Making of Images, 400-1200*, Cambridge, University Press.
- CARRUTHERS, Mary (2002), *The Medieval Craft of Memory: An Antology of Texts and Picture*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- CATALÁN, Diego (2000), *La épica española. Nueva documentación y nueva evaluación*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1951), *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, INCM (volume I – Introdução).
- CRÓNICA DE 1344 = CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 (1961), Luís Filipe Lindley Cintra (ed.), vol. III, Lisboa, INCM.
- CRÓNICA DE 1344 (1.ª REDAÇÃO) = CRÓNICA DE 1344, edición crítica y estudio (2015), Ingrid Vindel (ed.), tesis doctoral, Universitat Autònoma de Barcelona.
- CRÓNICA DE CASTILLA (2010), Patrícia Rochwert-Zuili (ed.), e-Spania Books, disponível em <<https://books.openedition.org/esb/256>>, consultado em agosto de 2023.
- DI STEFANO, Giuseppe (2010), «Introducción», *Romancero*, Madrid, Castalia, 7-75.

- DIAS, Isabel Barros (2023), «Imagens e Imaginário no ms. da Academia das Ciências de Lisboa da *Crónica de 1344*», em Carmen F. Blanco Valdés e Elisa Borsari (eds), *Pervivencia y Literatura: documentos periféricos al texto literário*, San Millán de la Cogolla, Cilengua, 243-257.
- ESCOBAR, Juan de (1605), *Historia del muy noble, y valeroso cavallero, el Cid Ruy Diez de Bivar... recopilados por Juan de Escobar*, Lisboa, por Antonio Alvarez (ed. fac-similada com preâmbulo de José J. Labrador Herraiz, prólogo e introd. de Arthur Lee-Francis Askins, México, Frente de Afirmación Hispanista, 2017).
- FERRÉ, Pere (2000), «Estudo introdutório», *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 13-120.
- FONTES, Manuel da Costa (2005-2006), «Afuera, afuera, Rodrigo: uma reinterpretação», *ELO*, n.ºs 11-12, 97-112.
- FUNES, Leonardo (2004), «Estudio», *Mocedades de Rodrigo. Estudio y edición de los tres estados del texto*, Woodbridge, Tamesis, ix-lxxii.
- HIGASHI, Alejandro (2017), «Introducción», *Romancero, e historia del muy valeroso cavallero, el Cid Rui Díaz de Bivar, en lenguaje antiguo, recopilado por Juan de Escobar*, México, Frente de Afirmación Hispanista.
- HIGASHI, Alejandro e Mario GARVIN (ed.), Josep Lluís MARTOS (coord.) (2021), *El cancionero de Romances de Martín Nucio*, Alacant, Universitat d'Alacant.
- ISIDORO DE SEVILLA (1982), *Etimologías*, José Oroz Reta, Manuel-A. Marcos Casquero e Manuel C. Díaz y Díaz (eds.), tomo II, Madrid, BAC.
- LA TRADUCCION GALLEGA DE LA CRONICA GENERAL Y DE LA CRONICA DE CASTILLA (1975), Ramón Lorenzo (ed.), Orense, Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo».
- LÉVI-PROVENÇAL, E. e Ramón MENÉNDEZ PIDAL (1948), «Alfonso VI y su hermana, la infanta Urraca», *Al-Andalus*, vol. 13, n.º 1, 157-166.
- LIVRO DAS AVES (1999), Maria Isabel Rebelo Gonçalves (ed.), Lisboa, Colibri.
- LOPES, Fernão (2017), *Crónica de Dom João I. Primeira Parte*, Teresa Amado com a colab. de Ariadne Nunes, Carlota Pimenta e Mário Costa (eds.), Lisboa, INCM.
- MARTOS, Josep Lluís (ed.) (2014), *La poesía en la imprenta antigua*, Alicante, Universitat d'Alacant.
- MARTOS, Josep Lluís (2017), «La fecha del *Cancionero de Romances sin año*», *Edad de Oro*, vol. 36, 137-157. DOI: <https://doi.org/10.15366/edadoro2017.36.009>.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1953), *Romancero Hispánico*, 2 vols., Madrid, Espasa-Calpe.

- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1959), *Flor nueva de romances viejos*, Madrid, Espasa-Calpe.
- MOCEDADES DE RODRIGO. ESTUDIO Y EDICIÓN DE LOS TRES ESTADOS DEL TEXTO (2004), Leonardo Funes (ed.) Felipe Tenenbaum (colab.), Woodbridge, Tamesis.
- NASCIMENTO, Aires A. (2001), «Texto e imagem: autonomia e interdependência em processo de leitura», em António Branco (coord.), *Figura. Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Faro, DLCM-FCHS-UAlg, 9-86.
- NASCIMENTO, Aires A. (2012), «As livrarias dos Príncipes de Avis», em *Ler contra o tempo*, I, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 249-267 [reed. de *Biblos*, vol. 69, 1993, 265-287].
- NASCIMENTO, Aires A. (2019), «Crónica (Geral) de Espanha de 1344: o códice medieval da Academia das Ciências de Lisboa, em encadernação recuperada e em revisitação de leituras» – conferência apresentada na Academia das Ciências de Lisboa a 28/02/2019 (texto oferecido pelo autor).
- OCAMPO, Florián de (1541), *Las cuatro partes enteras de la crónica de España que mandó componer el serenissimo rey don Alonso llamado el Sabio... por el maestro Florian Docäpo...*, Zamora, Augustín de Paz e Juan Ricardo.
- PANDIELLO, María (2016), «Las imágenes de la *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Ms. 1 Azul de la Academia das Ciências). Filiaciones artísticas y pautas iconográficas», *e-Spania*, n.º 25. DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.25893>.
- PEIXEIRO, Horácio Augusto (2009), «Imagem e Tempo. Representações do Poder na *Crónica Geral de Espanha*», *Revista de História da Arte*, n.º 7, 153-177.
- PHBP - PAN-HISPANIC BALLAD PROJECT, disponível em <<https://depts.washington.edu/his-prom/>>, consultado em agosto de 2023.
- PINTO-CORREIA, João David, (1984), «Apresentação crítica», *Romanceiro Tradicional Português*, Lisboa, Comunicação, 13-94.
- RAMILLETE DE FLORES (1593) = RAMILLETE DE FLORES: *QUARTA, quinta y sexta parte de Flor de romances nuevos nunca hasta agora impresos llamado Ramillete de flores de muchos graues y diuersos autores / recopilado no cõ poco traouajo por Pedro Flores...* em Lisboa, por Antonio Alvarez, disponível em <<https://purl.pt/23062>>, consultado em maio de 2014.
- RATCLIFFE, Marjorie (1995), «Urraca: de heroína épica a heroína romântica», em Juan Paredes (ed.), *Medioevo y Literatura – Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, tomo IV, Granada, Universidad de Granada, 113-122, disponível em <<https://www.ahlm.es/IndicesActas/ActasPdf/Actas5.4/11.pdf>>.
- REILLY, Bernard F. (1988), *The kingdom of León-Castilla under King Alfonso VI: 1065-1109*, Princeton, Princeton University Press.

- RODRÍGUEZ PORTO, Rosa M. (2016), «La *Crónica Geral de Espanha de 1344* (ms. 1 A de la Academia das Ciências) y la tradición alfonsí», *e-Spania*, n.º 25. DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.25911>.
- ROMANCERO DEL CID*, (1884), prólogo de Manuel Milá y Fontanals, Barcelona, Biblioteca de Artes y Letras.
- ROMANCERO GENERAL*, en que se contienen todos los Romances que andan impressos en las nueve partes de *Romanceros* (1600), Madrid, por Luis Sanchez, a costa de Miguel Martinez (fac-símile de 1904).
- SEPÚLVEDA, Lorenzo de (1551), *Romances nueuamente sacados de historias antiguas dela crónica de España compuestos por Lorenço de Sepulueda*, Anuers, em casa de Iuan Steelsio.
- TIBÚRCIO, Catarina Martins (2015), «A memória no programa decorativo da *Crónica Geral de Espanha de 1344* de Lisboa», *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo*, vol. 4, n.º 2, 154-182.
- TIBÚRCIO, Catarina Martins (2016), «O manuscrito da *Crónica Geral de Espanha de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa. Problematização em torno das questões da origem e da execução», em Joana Ramôa Melo e Luís Urbano Afonso (eds.), *O fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*, Lisboa, Artis – IHA-FLUL, 87-104.
- TIBÚRCIO, Catarina Martins (2018), «A moda no M.S.A. 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Contributo para a datação da iluminura», em José María Salvador González e Matheus Corassa da Silva (org.), *Mirabilia Ars*, n.º 27, 43-67.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1980), *Romances Velhos em Portugal*, Porto, Lello & irmão.
- ZUMTHOR, Paul (1972), *Éssai de poétique médiévale*, Paris, Seuil.